

A ideologia e o traducional – um percurso

Filipe Alves Machado

Escola Secundária de Arcos de Valdevez

Os estudos de tradução protagonizaram uma mudança de rumo a partir dos anos oitenta. A preocupação exclusiva com os aspetos linguísticos deu lugar a um grande destaque aos problemas de ordem (inter)cultural que se põem sobre o ato tradutor. Procurar-se-á elaborar um pequeno percurso relativamente a esta evolução, utilizando posteriormente como exemplo o labor dos irmãos Campos e de Décio Pignatari, nas suas traduções de Mallarmé.

1. A teoria dos polissistemas

Ao longo dos anos 70 do século passado, Itamar Even-Zohar desenvolveu a sua teoria dos polissistemas. Nesta teoria, a obra literária não é estudada isoladamente, pois é parte integrante da organização social, cultural, literária e histórica de determinado grupo de indivíduos.

Visto como uma entidade dinâmica, onde todo o produto cultural se afirma ou desaparece em função de outros, num todo onde existem hierarquias, e onde se estabelecem posições centrais ou periféricas, o polissistema, um sistema de vários sistemas (1979: 290), é dominado por “processos de transferência”, que se concretizam em “conversões”. Aqui, Even-Zohar distancia-se da abordagem estética tradicional, sempre debruçada sobre “grande literatura”, menosprezando a literatura infantil, *best-sellers* (*thrillers*, novelas sentimentais, etc.), ou a literatura traduzida, que influem na centralidade ou na periferia da obra literária.

Acerca da tradução, Even-Zohar considera que tem uma função primária (a criação de novos géneros e estilos) e outra secundária (a reafirmação de géneros e estilos já existentes). A primeira função verifica-se em sistemas literários “jovens” com sistemas literários “débeis”. A tradução situa-se assim no centro literário do sistema, e neste sentido a teoria dos polissistemas torna-se fundamental no estudo das literaturas de nações que estão em pleno desenvolvimento e afirmação dos seus sistemas literários. Com a segunda função passa-se precisamente o inverso: a tradução torna-se marginal nas sociedades já desenvolvidas e com uma forte tradição artística (1990: 47).

Se a literatura traduzida ocupa uma posição secundária, assume-se então como um sistema periférico dentro do polissistema. Não tem influência de maior sobre o sistema central e assume-se na sua função secundária. Aliás, Even-Zohar afirma que esta é a sua função e posição mais comum. No entanto, a literatura traduzida está hierarquizada (1990: 49). Algumas obras traduzidas estão numa posição secundária, enquanto outras, traduzidas de literaturas mais “fortes”, são primárias. O autor dá como exemplo o sistema literário hebreu em que, entre as duas grandes guerras, as traduções do Russo eram primárias e as traduções do Inglês, Alemão e Polaco secundárias.

Assim, o polissistema é um conglomerado de sistemas diferenciado e dinâmico caracterizado por oposições internas e mudanças contínuas, capaz de aceitar tanto textos canónicos como não canónicos: é heterogéneo e tem mais de um centro. Nas oposições destacam-se as que se dão entre modelos e tipos “primários” (ou inovadores, os que introduzem no polissistema literário novas ideias, novos métodos, novos métodos de ver a literatura e o mundo) e “secundários” (ou conservadores, que confirmam e mantêm o sistema já existente).

A pertinência desta teoria no âmbito dos estudos de tradução assume-se como primordial, na medida em que um novo impulso e uma mudança de rumo se começaram a delinear. Edwin Gentzler (1993: 120-121 e 124-125) é um dos que ilustra o avanço que a teoria dos polissistemas representa:

1. A literatura é estudada numa perspetiva conjunta face às forças sociais, históricas e culturais;
2. Even-Zohar afasta-se do estudo isolado de textos individuais, dirigindo-se para o estudo da tradução dentro dos sistemas literários e culturais em que funciona;
3. A definição não prescritiva de equivalência e adequação permite uma variação de acordo com a situação histórica e cultural do texto.

Este último aspeto também foi constatado por Susan Bassnett-Mc Guire, ao verificar a existência de um novo rumo nos estudos de tradução:

We no longer talk about translation in terms of a translator “should” or “should not” do. That kind of evaluative terminology has its place only in the language-learning classroom, where translation has a very precise, narrowly defined pedagogic role. Discuss of literary translation within the terms now being outlined by Translation Studies may well assist to improve the quality of translations, but if this happens it will not be because of any prescriptive formulae. Rather it will be due to an increased awareness of the complexity of translation and a raising of the status of the translator and the translated text (1991:XVIII).

2. A questão da ideologia

Posteriormente, com a denominada “escola” de manipulação foram dados alguns passos para uma continuidade do trabalho desenvolvido na Teoria dos Polissistemas, sobretudo no que diz respeito à questão das ideologias, que se adivinhava como fundamental. Já durante os anos oitenta e inícios dos noventa, este grupo parece afastar-se em certa medida dos polissistemas de Tel Aviv “which they find too formalistic and restrictive. Adopting more of a cultural studies model, they focus both on institutions of prestige and power within any given culture and patterns in literary translation” (Gentzler 1993: 139). Aliás Gentzler, como vimos anteriormente, embora tenha reconhecido a importância dos polissistemas para a evolução dos estudos de tradução, não deixa de se mostrar muito crítico em relação a alguns aspetos (1993:121-123): a excessiva preocupação com leis universais; a filiação teórica no modelo formalista russo, historicamente baseado nos anos 20, que poderá ser inapropriado para os anos 70; a tendência para os modelos abstratos em vez dos constrangimentos reais com que se deparam os tradutores nos textos; e as dúvidas sobre a objetividade deste trabalho supostamente científico são alguns dos aspetos apontados por este autor. Assim, a tendência será agora mais política: o objeto de trabalho é a manipulação, verificar em que medida a tradução obedece a outros critérios e condicionantes, que não os tradicionalmente aceites, como a equivalência e a fidelidade.

Neste sentido André Lefevere e Susan Bassnett desvalorizam as teorias linguísticas da tradução, pois “[they] have moved from word to text as a unit, but not beyond” (1998: 4), o que também fazem com “painstaking comparisons between originals and translation’s which do not consider the text in its cultural environment”.

Em vez disso, Bassnett e Lefevere vão para além da linguagem e concentram-se sobre a interação entre tradução e cultura, no modo como a cultura tem impacto e condiciona a tradução e aspetos mais vastos como o contexto, a história e as convenções. Eles examinam a imagem da literatura que é criada através de antologias, comentários, adaptações para filme e traduções, assim como as instituições envolvidas nesse processo.

Numa obra posterior, *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Frame* (cuja tradução espanhola se intitula *Traducción, Reescritura y la Manipulación del Canon Literario*) André Lefevere virá desenvolver o conceito de re-escrita, fundamental na medida em que:

El lector no profesional lee cada vez menos literatura escrita por los propios escritores y cada vez más reescrita por sus reescritores. Siempre ha sido así, per nunca ha resultado tan obvio como en la actualidad (1997: 17).

Assim, Lefevere chama a atenção para o grupo dos “reescritores”, que oferecem ao grande público a obra literária mas depois de um processo de leitura e interpretação pessoal: “[...] los reescritores adaptan, manipulan, en cierta medida, los originales con los que trabajan, para hacer que se ajusten a las corrientes ideológicas e poéticas de su época” (*ibid.*: 21). Ou seja, o leitor do grande público tem acesso à obra em segunda mão. Por isso, “La reescritura manipula, y lo hace de un modo eficaz. Mayor razón, por tanto, para estudiarla” (*ibid.*: 22).

Apesar de serem muitas as formas de reescrita (histórias literárias ou as suas versões reduzidas, obras de consulta, antologias, críticas ou edições), Lefevere irá, nos quatro primeiros capítulos do seu livro, preocupar-se sobretudo com a tradução, pois

[...] la traducción es la reescritura más influyente porque es capaz de proyectar la imagen de un autor y/o (una serie de obra(s) a otra cultura, elevando a ese autor y/o esas obras más allá de los límites de su cultura de origen [...] (*ibid.*: 22)

Adotando a noção de sistema, Lefevere descreve o sistema literário como sendo controlado por três fatores principais, que são os profissionais dentro do sistema literário, o mecenato fora do sistema literário, e a poética dominante. Estes três, nas suas múltiplas variantes, isolada ou conjuntamente serão aqueles que condicionam a reescrita do texto na tradução, adaptando-a aos circunstancialismos próprios da língua e da cultura de chegada.

3. O caso dos irmãos Campos

A obra *Mallarmé*, da autoria dos irmãos Campos e Décio Pignatari, concilia tradução e crítica literária e, logo no seu início, dá grande destaque a um texto ensaístico fundamental: *Mallarmé: o Poeta em Greve* (Campos, A., Campos, H. e Pignatari, D., 1981: 23-29), de Augusto de Campos. Nesse texto, que teria apenas por objetivo introduzir traduções de poemas dispersos de Mallarmé, mas que preenche os requisitos de um prefácio, Augusto de Campos apresenta algumas das razões que levaram à “re-visão” de Mallarmé, sendo a principal o surgimento, na segunda metade do século XX, de bibliografia sobre Mallarmé, sobretudo respeitante a *Un Coup de Dés*.

A partir deste momento, este texto incide sobre a apologia de Mallarmé como poeta-sustentáculo da literatura do século XX. A esse propósito, o autor verifica que, no Brasil, “Mallarmé [...] continua a ser mal conhecido e mal consumido”, diagnosticando para a produção literária um estado anacrónico, para não dizer ucrónico, “simultaneamente “pós-modernista” e “pré-mallarmaico”” (Campos, A., Campos, H. e Pignatari, D., 1981: 25). Para demonstrar como esta postura é errónea, são citados vários exemplos de poetas modernos de língua portuguesa de referência obrigatória (Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Pedro Kilkerry, Carlos Drummond de Andrade ou João Cabral), que não seriam compreensíveis sem Mallarmé.

Citando Mário Justino, Augusto de Campos divide a obra mallarmaica em quatro fases. Uma primeira será a parnasiano-simbolista, onde as influências de Baudelaire, Gautier e Verlaine ainda se fazem sentir. A segunda corresponderá ao “Mallarmé que reconcilia a língua francesa com Racine e antecipa Valéry, onde se inclui *L’après-midi d’un faune*”. No entanto, segundo Campos, a penúltima e última fases de Mallarmé é que serão fundamentais para o leitor atual. Na penúltima, onde se poderão referir algumas obras como *Plusieurs Sonnets, Hommages, Tombeaux, Autres Poèmes* ou *Sonnets*, e na última, da obra inacabada e de *Un Coup de Dés*, Mallarmé revela-se, segundo Faustino e Campos, “como o maior poeta para poetas da língua francesa, um dos maiores de todos os tempos e sem dúvida alguma o maior destes cem – ou duzentos – anos” (Campos, A., Campos, H. e Pignatari, D., 1981: 26).

Sobre estas duas fases, ditas de maturidade, Campos mostra que são aquelas que “apontam para o futuro”, pela introdução de “novo construtivismo”, de um novo campo de relações e possibilidades no uso da linguagem, sobretudo em *Un Coup de Dés*. O próprio título do texto vai nesse sentido: “o poeta em greve” e a referência constante a Marx incidem numa militância poético-cultural de Mallarmé cultivada através de uma atitude marginal. Mas esta atitude não se realiza da “torre de marfim” decadentista, aristocrática e elitista, mas sim como o afirmou Mallarmé, na marginalidade “do poeta para uma época como esta, onde ele está em greve perante a sociedade”, utilizando a linguagem como forma de luta. Esta ideia é rematada com uma citação de Jean Tardieu: *Le langage l’engage*.

Através deste texto, utilizado como introdução à tradução de poemas dispersos, poderemos constatar que pode ser entendido como um prefácio para Mallarmé, mostrando que esta obra se vai orientar por quatro ideias fundamentais:

1. A obra de Mallarmé é fundamental para uma explicação/abordagem da poesia moderna e pós-moderna, quer brasileira quer mundial. Esta é a razão pela qual urge re-ver a sua obra, dado que a penetração no sistema cultural brasileiro era, à data de publicação destas traduções, ainda reduzida.
2. Interessa abordar a obra de Mallarmé não como produto artístico (“poesia pura”, “arte pela arte”), mas sim como um projeto com uma poética definida, alicerçada numa atitude marginal, tendo em vista um “engajamento” do poeta na procura de novos rumos para a poesia e para a linguagem.
3. Nesse sentido, é defendida uma evolução do poeta em quatro fases, numa divisão que não é consensual, para não dizer discutível, no seio da crítica especializada¹. Aliás, Augusto Campos refere que “os poemas por mim traduzidos cobrem o percurso do primeiro ao penúltimo Mallarmé”, e que “notará o leitor como o poeta, libertando-se

¹ Embora não tenha sido possível acedermos ao texto integral de Mário Faustino, existem indícios que, apesar de tudo nos poderão fazer duvidar da profundidade da análise. O primeiro prende-se com o facto de ser publicado num jornal de grande tiragem e ser, como o próprio Campos reconheceu, dirigido «ao leitor comum». Além do mais, Mário Justino considera o texto em causa uma «simples conversa em torno de alguns aspetos de Mallarmé», classificado por Augusto de Campos como uma «introdução didática», um tipo de texto que, regra geral, peca por ser demasiado simplista.

progressivamente dos ornatos discursivos, caminha para uma extrema elipse e concisão" (Campos, A., Campos, H. e Pignatari, D., 1981:28). No entanto, nem existe a preocupação de ilustrar e confirmar essa libertação, nem, por outro lado, os poemas estão dispostos cronologicamente, o que poderia contribuir para se verificar esse percurso. Nessa medida, fica-se com a impressão de que se assiste a um fenómeno de sobreinterpretação, com vista à legitimação de uma perspetiva hermenêutica cuja legitimidade não pode deixar de ser posta em causa.

4. O objetivo último deste livro é destacar *Un Coup de Dés* como poema-chave da poética mallarmeana. A evolução artística defendida culmina precisamente no poema em causa, visto como "porta para o futuro" da poesia. Será interessante também observar como a estrutura de Mallarmé se define em função deste objetivo. Às traduções dos poemas, ilustrativas das três fases de Mallarmé, sucede-se a tridução de *L'après-midi d'un faune*. Décio Pignatari, no texto intitulado *Mallarmé – a conquista do impreciso na linguagem poética: uma tradução de "L'après-midi d'un faune"*, procura, fazendo referência às várias versões de que o poema foi alvo, demonstrar como, ao longo de dez anos, o autor procurou "partir da determinação para a indeterminação, sendo esta a determinação final de sua luta pela conquista do impreciso: a determinação da indeterminação" (Campos, A., Campos, H. e Pignatari, D., 1981: 107). Deste modo, este poema é visto apenas como um passo para *Un Coup de Dés*. Assim sendo, poderão ser entrevistados dois objetivos para a tridução nesta disposição gráfica: homenagear o autor, e mostrar as potencialidades expressivas da obra na língua de partida, onde a "determinação da indeterminação" será visível, como Pignatari o reconhece:

A tradução pretende ser um prolongamento do mesmo objeto, melhor dizendo, uma sua projeção deformada naquela subtil abertura entre o preciso e o impreciso – um momento de uma série estocástica de uma tradução de L'après-midi d'un faune. (Campos, A., Campos, H. e Pignatari, D., 1981: 112)

Deste modo, o exercício da tridução é prova cabal da matriz aberta do texto mallarmaico, na medida em que cada uma das traduções realizadas corresponde a uma leitura possível, em função da competência descodificadora e recodificadora de cada um dos poetas-tradutores envolvidos. Por outro lado, esta tridução é uma forma de mostrar que a tradução deste poema terá de ser, forçosamente, um processo de transcrição, pela multiplicidade de possibilidades presentes. Este processo é descrito noutros textos, com uma influência de Benjamin assumida:

Liberar a "língua pura", que está "desterrada" (gebannt) na língua estrangeira, resgatá-la na própria língua (língua de chegada), através de uma "transpoetização (Umdichtung) do original no qual ela está "cativa" (gefangene), eis a missão benjaminiana do tradutor. Isto se faz através de "remissão" (Erloesung), no sentido "salvífico" do termo, do modo de intencionar (Art der intentio), do "modo de significar" (Art des Meinens), expressões que equivalem a um "modo de representar" ou de "encenar" (Darstellungsmodus) do original, liberando-o, assim, na língua do tradutor (Campos H., 1996: 32).

Posto isto, visível que será a confluência das obras (a de Mallarmé e a dos tradutores) para *Un Coup de Dés*, interessar-nos-á verificar qual o objetivo deste destaque. Com efeito, qualquer história da literatura francesa, ao abordar a poesia de Mallarmé referir-se-á a *Un Coup de Dés* como uma das suas obras-primas. Para os irmãos Campos e Pignatari é a obra-prima. Deste modo, este reforço de canonização do texto literário não é inocente, pois vai ao encontro da leitura de Mallarmé à luz da poética concreta. Com efeito, não se tratará de uma coincidência, pois estes tradutores, no campo da produção literária, todos desenvolveram a sua atividade nesta poesia: Haroldo de Campos é um dos pioneiros no Brasil, tal como o seu irmão Augusto e Décio Pignatari, que fundaram o grupo Noigandres. Em *Mallarmé: o Poeta em Greve*, é Augusto de Campos que assume uma relação de proximidade e complementaridade:

Dessa re-visão de Mallarmé participou a poesia concreta desde os primeiros momentos, e não apenas com reflexões críticas, mas com a própria criação poética, pois que se propôs, inclusive, o desafio de tornar efetiva a hipótese lançada com os dados mallarmaicos: "sem presumir do futuro o que sairá daqui, NADA, ou quase uma arte" (Campos, A., Campos, H. e Pignatari, D., 1981: 24).

No texto seguinte, é ainda Augusto de Campos que procede a uma enumeração das experiências tipográficas funcionais que se seguiram a *Un Coup de Dés*. Num percurso que começa com o Futurismo italiano e Apollinaire, *The Cantos*, de Pound, são alvo de particular atenção, nomeadamente no que diz respeito à sua estrutura: são citadas várias abordagens, e conclui-se uma ligação com a música, mediante uma analogia com a fuga e o contraponto. Isto leva Campos a e referir que "ainda que a configuração de *Un Coup de Dés* e de *The Cantos* seja especificamente diversa, pertencem os dois poemas estruturalmente a um mesmo género" (Campos, A., Campos, H. e Pignatari, D., 1981: 184).

Para além deste, é citado o exemplo de Cummings, com o poema *No Thanks*, mas o grande destaque é dado a *Finnegans Wake* de Joyce, que "realiza, também, e de maneira especial, a proeza da estrutura". Para tal, Augusto Campos baseia-se em Robert Greer-Cohn, para quem este romance-poema "teria mais em comum com *Finnegans Wake* do que qualquer outra criação literária[...]: unidade, dualidade, multiplicidade e novamente unidade" (Campos, A., Campos, H. e Pignatari, D., 1981: 185). Este ponto de vista é depois reforçado por Haroldo Campos que defende haver "um parentesco de cosmovisão entre os dois textos". Nesse mesmo texto (*Lance de olhos sobre Um lance de dados*), assistimos à preocupação de Haroldo de Campos em estabelecer uma rede de relações intertextuais, entre *Un Coup de Dés*, Pound, Joyce e Cummings, o que o leva a afirmar que esta proximidade textual é "o indício de que, passado mais de meio século, um *Lance de Dados* continua a ser o vetor para o futuro" (Campos, A., Campos, H. e Pignatari, D., 1981: 192). Note-se aqui a utilização do artigo definido ("o vetor"), que indica um absoluto corporizado na obra-prima de Mallarmé.

Posto isto, será indiscutível afirmar que *Un Coup de Dés* é, para os autores de *Mallarmé*, muito mais do que um texto que importa fazer conhecer ao público brasileiro. Trata-se de um pretexto, ou mesmo um pré-texto, necessário e fundamental para a afirmação de uma nova forma de fazer poesia. Com efeito, através de toda a linha de pensamento subjacente a Mallarmé, os autores pretendem fixar bases teóricas creíveis para o desenvolvimento e implementação da poesia concreta. Obviamente, não se trata de uma estratégia desenvolvida de modo subversivo, para "apanhar" um leitor desprevenido, mas, embora assumida, condiciona determinados factos a uma leitura muito individualizada, ou até demasiado personalizada dos textos. Com efeito, toda a linha de raciocínio desenvolvida leva Haroldo de Campos a reclamar uma "tradição viva" num quadrante onde constam Mallarmé, Pound, Joyce e Cummings, da qual os poetas concretos brasileiros procuram assumir as consequências, o que não deixa de ser duplamente parcial: é apenas uma parte da obra de cada um dos autores que está em causa, por sua vez abordada numa perspetiva que de modo algum é neutra.

A tradução de *Un Coup de Dés* é, assim, um caso de antropofagia cultural, retomando a expressão criada por Oswald de Andrade no seu Manifesto Antropófago, que comemorava os 374 anos decorridos sobre a morte e devoração do bispo Sardinha pelos índios Tupinamba. Este ritual assinala metaforicamente a síntese da cultura europeia com o elemento autóctone, afirmando a emergência brasileira. Assim, esta obra de Mallarmé irá ser devorada, tal como aconteceu ao clérigo português, de modo a que possam incarnar as suas qualidades nos seus predadores:

A antropofagia oswaldiana [...] é o pensamento da devoração crítica do legado cultural universal. [...] Ela não envolve uma submissão (uma catequese), mas uma transculturação: melhor ainda, uma «transvalorização»: uma visão crítica da história como função negativa (no sentido de Nietzsche), capaz tanto de apropriação como de expropriação, desierarquização, desconstrução. Todo passado que nos é «outro» merece ser negado. Vale dizer: merece ser comido, devorado. Com esta especificação elucidativa: o canibal era um «polemista (do gr. Pólemos = luta, combate), mas também um «antologista»: só devorava os inimigos que considerava bravos, para deles tirar proteína e tutano para o robustecimento e a renovação de suas próprias forças naturais (1981:11-12)

Isto implica, evidentemente, uma leitura pessoal assumida do texto, sendo a tradução o espelho dessa interpretação:

Como ato crítico, a tradução poética não é uma atividade indiferente, neutra, mas – pelo menos segundo a concebo – supõe uma escolha, orienta-se por um projeto de leitura, a partir do presente de criação, do passado de cultura. [...] Assim é que só me proponho traduzir aquilo que para mim releva em termos de um projeto de militância cultural (Campos, H.: 1996:34-35).

Trata-se de facto de uma manipulação estética e poética feita não apenas através da tradução, mas através da outra atividade de reescrita: a crítica literária, que ilustra a linha interpretativa seguida pelos autores.

Assim, não se trata apenas de uma questão de legitimação. Trata-se também de reclamar para o concretismo e, por extensão, para a literatura brasileira um estatuto emancipado e emancipador, na medida em que o sistema literário brasileiro deixa de ser subserviente, e passa a afirmar-se com um carácter e uma personalidade próprias:

A poesia concreta, brasileiroamente, pensou uma nova poética, nacional e universal. Um planetário de «signos em rotação», cujos pontos-eventos chamavam-se (quais índices topográficos) Mallarmé, Joyce, Apollinaire, Pound, Cummings, ou Oswald de Andrade, João Cabral de Melo Neto e, mais para trás, retrospectivamente, Sousândrade [...] (Campos, 1981: 19).

É a este propósito que apresentação de *Uma Profecia de Walter Benjamin* praticamente no final do livro Mallarmé faz sentido: os concretistas já estão a trabalhar para o fim do livro e contribuem ativamente para “a fundação de uma escrita de âmbito universal”, perto já da “língua pura”, ou seja, o ponto culminante da escrita poética, já a ser concretizada no Brasil. Assim, “os poetas renovarão sua autoridade na vida dos povos e assumirão um papel em comparação com o qual todas as aspirações de rejuvenescimento da retórica parecerão *dessuetos devaneios góticos*” (apud Campos, A., Campos, H. e Pignatari, D., 1981:194).

4. Conclusão: uma questão de visibilidade

Em função do exposto, será mais ou menos evidente concluir que

Translation does not happen in a vacuum, but in a continuum; it is not an isolated act, it is part of an ongoing process of intercultural transfer. Moreover, translation is a highly manipulative activity that involves all kinds of stages in that process of transfer across linguistic and cultural boundaries. Translation is not an innocent, transparent activity but is highly charged with significance at every stage; it rarely, if ever, involves a relationship of equality between texts, authors or systems (Bassnett e Trivedi 1999: 2)

Com efeito, a relação de desigualdade existente entre os textos e os sistemas culturais a que pertencem, conforme já Even-Zohar o tinha verificado, é um dos pontos que condiciona à partida a prática da tradução. No caso dos irmãos Campos e Pignatari, verifica-se uma tentativa de nivelação de dois sistemas. No entanto, tudo isto não é feito de forma subversiva ou dissimulada, trata-se de um processo realizado às claras, onde os tradutores assumem o seu papel de forma visível.

Durante muitos séculos, a figura do tradutor foi relegada para segundo plano em virtude de ser uma atividade técnica, secundária, na medida em que se limita a transpor para outra língua as palavras do autor. No entanto, o tradutor é um intermediário, um mediador cultural, e a diminuição da sua importância no processo literário, que implica a sua elisão, é fonte de equívoco e de redobrada manipulação na medida em que

A translated text, whether prose or poetry, fiction or non-fiction, is judged acceptable by most publishers, reviewers and readers when it reads fluently, when the absence of any linguistic or stylistic peculiarities makes it seem transparent, giving the appearance that it reflects the foreign's writer personality or intention or the essential meaning of the foreign text – the appearance, in other words, that the translation is not in fact a translation, but the “original”. (Venuti 1995:1)

Neste sentido, convém ver que a transparência (ou fluência segundo Venuti) é uma estratégia, pois visa adormecer o leitor, não o prevenindo do carácter de reescrita do texto traduzido:

The transparency idealized by tradition is not exactly a neutral, ethical stance which any conscientious translator will have to adopt; it is, rather, a strategy that necessarily serves certain interests (Arrojo 1992: 30)

Assim, através da transcrição, à qual está assumidamente subjacente uma interpretação e um projeto de leitura, o tradutor re-escreve o texto, *antropofagizando-o* de modo a que a cultura de chegada absorva as suas melhores qualidades. Tal atividade é realizada reclamando uma identidade, e manifestando a individualidade e a presença dos tradutores, que manifestam a sua presença através de textos teóricos e muitas notas explicativas, onde justificam as suas opções e interpretações, indo ao encontro das palavras de Rosemary Arrojo:

Furthermore, the validation of the translator's voice as a legitimate interference in the translated text will only be truly able to start making a difference when visibility begins to be marked by the signature of his or her own authorial name. (1992: 31).

É cortando com a tradição, abordando noutra perspetiva a fidelidade e a equivalência, que os irmãos Campos e Pignatari assumem o papel cultural do tradutor, vendo o texto traduzido como um veículo de diálogo e emancipação cultural, reclamando uma identidade e confirmando a originalidade de uma literatura extremamente rica e com um carácter muito próprio.

Bibliografia

- Arrojo, Rosemary. (1992) "The «death» of the author and the limits of the translator's visibility". In Lawrence Venuti (ed.). *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. London and New York: Routledge.
- Bassnett, Susan e Trivedi, Harish. (1999) "Introduction: Of colonies, cannibals and vernaculars". In Bassnett, S. e Trivedi, H. (eds.), *Post Colonial Translation – Theory and Practice*. London and New York: Routledge.
- Bassnett, Susan. & Lefevere, André. (1998) *Translation, History and Culture*. London and New York: Pinter.
- Bassnett-Mc Guire, Susan. (1991) *Translation Studies (revised edition)*. London and New York: Routledge.
- Campos, Haroldo (1981) "Da razão antropofágica: a Europa sob o signo da devoração" in *Colóquio-Letras*, 62, 10-25.
- Campos, Haroldo, Campos, Augusto & Pignatari, Décio. (1991). *Mallarmé*, 3ª ed. São Paulo: Ed. Perspetiva.
- Campos, Haroldo. (1996) "Das «estruturas dissipatórias» à constelação: a transcrição do lance de dados de Mallarmé". In Luiz Angélico da Costa (org.). *Limites da Traduzibilidade*. Salvador: Universidade Federal da Bahia.
- Even-Zohar, Itamar (1990). "Polysystem Theory" in *Poetics Today*, vol. 11, n.º 1-2, autumn 1979, 287-310.
- Even-Zohar, Itamar. (1990) "The Position of Translated Literature within the Literary System" in *Poetics Today*, vol. 11, n.º 1, spring 1990, 45-51.
- Gentzler, Edwin. (1993) *Contemporary Translation Theories*. London and New York: Routledge.
- Lefevere, A. (1997) *Traducción, Reescritura y la Manipulación del Canon Literario*. Salamanca: Ediciones del Colegio de España.
- Venuti, Lawrence. (1995) *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London and New York: Routledge.